



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LARA DAS GRAÇAS PINTO SCHULER (2)

(depoimento)

2018

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-876

Entrevistada: Lara das Graças Pinto Schuler

Nascimento: 10/02/1995.

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte/Porto Alegre

Entrevistadora: Suellen dos Santos Ramos

Data da entrevista: 04/06/2018

Transcrição: Suellen dos Santos Ramos

Copidesque: Suellen dos Santos Ramos

Pesquisa: Suellen dos Santos Ramos

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 0 hora 23 minutos e 01 segundos

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Iniciação ao futebol; Participação em escolinhas de futebol; Início da prática de embaixadinhas; Projeto para quebra do Record mundial de embaixadinhas; Inserção no livro *Guinness Word*.

Porto Alegre, 04 de junho de 2018. Entrevista com Lara das Graças Pinto Schuler a cargo da pesquisadora Suellen dos Santos Ramos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. – Lara, primeiro muito obrigada, por conceder um pouco do teu tempo para realização dessa entrevista. Eu queria começar te perguntando como o esporte chegou na tua vida? O esporte em geral e o futebol também.

L.S. – Bem, eu comecei a jogar futebol no colégio quando eu tinha nove anos, antes eu até não dava tanta bola assim, foi mais a partir dos nove anos que despertou esse interesse em mim e eu moro no interior de Taquara¹, que já é interior. Eu não tinha crianças próximas da minha casa com quem eu pudesse jogar futebol, então, o que eu podia fazer era embaixadinha ou chutar a bola na parede. Eu acabei desenvolvendo essa prática das embaixadinhas e com treze anos eu consegui ficar fazendo uma hora de embaixadinhas e assim eu fui evoluindo, aos quatorze anos eu consegui ficar três horas, com quinze anos eu consegui ficar cinco horas e assim foi indo.

S.R. – E nesse período tu fazia tudo por conta própria?

L.S. – Isso. Dos dez anos até os quinze anos eu treinei na escolinha do Inter², no Genoma Colorado³ em Taquara e dos quinze aos dezoito eu treinei contigo Sú⁴ [risos] lá na escolinha feminina do Grêmio. Lá em Taquara, no Genoma, eu treinava com os meninos, no Grêmio eu treinava com as meninas. Então tudo que eu aprendia, por exemplo, nos treinamentos físicos, as coisas que tu fazia com a gente lá que tinha um circuito e tal, todos os exercícios novos que eu aprendia eu procurava repetir em casa para tentar evoluir. Eu acho que isso foi muito importante para mim, para que eu pudesse desenvolver a resistência para a prática das embaixadinhas também, porque não é só fazer embaixadinhas.

S.R. – Sim. E como foi a resposta dos teus pais com relação ao teu interesse pela modalidade?

¹ Município da região metropolitana de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul.

² Sport Club Internacional.

³ Projeto Social que desenvolve o Futebol.

⁴ Suellen dos Santos Ramos.

L.S. – Eles sempre me apoiaram, eles achavam bacana. Minha mãe enquanto ela podia, ela sempre me acompanhou nos treinos, me levava. Depois acabou não podendo mais, mas ela sempre me incentivou. Meu cunhado, pai das minhas sobrinhas, desde que eu tinha nove anos ele... Às vezes dava alguma coisa errada em um jogo, dava alguma coisa errada em um treino, eu era criança e chegava em casa chorando e ele: “Calma, não te desespera”. Desde pequena ele sempre era a pessoa com quem eu ia conversar, que eu ia pedir conselho e que... Todo mundo me incentivava, mas ele de uma forma muito maior, que muitas vezes ele acreditava em mim até mais do que eu.

S.R. – E tu visualizava ter uma carreira como jogadora de futebol?

L.S. – Sim. Eu até... Como tinha essas embaixadinhas junto com isso, o que eu mais gostava era jogar futebol, eu comecei a fazer embaixadinhas porque não tinha com quem jogar. Com a questão das embaixadinhas eu via a Milene Domingues⁵ meio que como um exemplo pela questão das embaixadinhas e que ela jogou futebol depois.

S.R. – E teu plano era seguir jogando?

L.S. – Era isso.

S.R. – Mas o que te impediu?

L.S. – Chegou em um ponto que assim... Eu quebrei o *record* treinando, então para mim, “poxa eu tenho que homologar isso”. Só que fazer as duas coisas... Jogar futebol iria me exigir... Ou era uma coisa ou outra, entende? Eu teria que correr muito atrás e depois se eu conseguisse entrar em um clube eu teria que me dedicar para aquilo, eu não poderia me dedicar para as embaixadinhas e as duas coisas ao mesmo tempo não ia dar certo. Então como eu já havia quebrado o *record* treinando eu optei por correr atrás disso, tu entende? Por que senão foi, nunca mais, é agora ou nunca.

⁵ Ex-futebolista.

S.R. – Entendi, foi uma escolha tua então?

L.S. – Sim.

S.R. – Lara, me conta como surgiu esse interesse por quebrar o *record*. Como essa informação chegou até ti? Como tu te interessou por isso? Como tu ficou sabendo que existia alguém que quebrou o *record* das embaixadinhas? Como tu ficou sabendo e o que isso te despertou?

L.S. – Como eu te disse, eu já tinha conseguido fazer um certo tempo em casa e que já estava próximo do *record*. E quando eu treinava lá na Escolinha do Grêmio eu não sei se tu te lembra, que o Tarciso⁶ que me levou para lá. Ele e a esposa dele.

S.R. – Sim, sim.

L.S. – Quando eu disse que eu estava conseguindo fazer esse tanto de embaixadinha a mulher disse “está perto de bater o Record, daqui a pouco...”. Só que assim, eu não pensava diretamente no *Guinness*⁷, pensava em algo mais brasileiro. Só que daí eu sabia que o *record* eram oito (horas) e vinte e quatro (minutos). “Então está perto, vou tentar passar disso”. E eu fui em busca de melhorar e de conseguir passar dessa marca.

S.R. – E como tu fez para buscar as informações necessárias? Quem te ajudou nesse processo? Como foi? Porque foram longos anos de preparação, não é?

L.S. – Eu não sabia como eu iria entrar em contato com o *Guinness*. Eu trazia os juízes ou... Mas eu não sabia nem como trazer, nem... Eu sabia que podia fazer por filmagem, por que eu conheci um recordista que me disse que ele havia feito por filmagem o *record* dele, a homologação. Ele mora em Santa Catarina, eu me despenquei para Santa Catarina para ir atrás dele, para ele me explicar como eu fazia para entrar em contato com o *Guinness*, ele se limitou apenas a me responder que era para eu procurar no *Google*. Eu cheguei lá e não fiquei dez minutos conversando com o cara.

⁶ José Tarciso de Souza, ex-futebolista. Vereador em Porto Alegre.

⁷ Guinness World Record.

S.R. – Eu não acredito.

L.S. – Voltei, procurei no site do *Guinness* daí eu consegui descobrir que eu tinha que fazer uma inscrição, aí eu fui em uma escola de inglês, lá eles me ajudaram a fazer minha inscrição.

S.R. – E era tudo em inglês? E tu não sabia nada de inglês?

L.S. – Ainda não sei [riso].

S.R. – Legal! Conta um pouco de como foi a preparação para que tu conseguisse quebrar o Record. Como tu disse, já havia quebrado o *record* não é?

L.S. – Sim, treinando. Mas fazendo tudo errado, digamos assim.

S.R. – Em casa tu já havia feito oito, dez ou doze horas?

L.S. – Doze horas.

S.R. – E teve um período que chegou a ser feito um evento lá no CETE⁸, não?

L.S. – Foi um pré-teste. Só que foi mal divulgado. Ainda falta homologar esse *record* sabe? Mas eu já acho assim uma grande conquista o fato... Eu divulguei na mídia, nas redes sociais, teve transmissão ao vivo, então só não viu quem não quis. O *record* foi quebrado, falta só o Guinness homologar e isso eu vou correr atrás agora, mas o *record* foi quebrado. Naquela época não foi bem divulgado, a primeira vez que eu fiz não tinha praticamente ninguém junto, foi mais uma teimosia.

S.R. – Foi em Taquara?

L.S. – Não, foi no interior de São Francisco de Paula⁹.

⁸ Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

⁹ Município do estado do Rio Grande do Sul.

S.R. – Tá, foi algo do tipo: “Vou ir lá, vou fazer e deu”?

L.S. – É (riso).

S.R. – Mas o que mudou dessa primeira vez que tu fez até essa última (que tem tudo para dar certo)?

L.S. – Mudou muito! Como eu te disse eu estava fazendo tudo errado, tu mais do que ninguém agora sabe o que foi necessário para que eu conseguisse me sentir muito bem nesse dia que eu fiz 12 horas, agora dia 24. O que me atrapalhou foi a tontura, é um desafio para mim. Eu não tive nenhuma dor muscular que me fizesse parar, nenhuma dor muscular que me atrapalhasse, tu entende? Só que eu estava muito tonta, isso é um desafio para mim, porque eu acho que não é alimentação sabe? Sei lá se é ficar com a cabeça baixa, porque já teve vezes de eu fazer muitas horas sem comer nada e não me senti tonta. Mas voltando à questão da preparação, lembra aquele dia que eu te liguei, pedindo a tua ajuda? Tu me ajudou a montar a equipe, isso foi extremamente importante. Estivemos juntos até o final, tiveram pessoas que saíram do grupo, mas que mesmo tendo saído foram muito importantes. Eu tinha ficado um longo tempo sem treinar atletes da gente conversar e montar a equipe, então foi meio que um reinício.

S.R. – Estava voltando de lesão também não é?

L.S. – Sim. E teu trabalho foi muito importante organizando os meus treinos, quando eu precisei tu estive comigo naquele simulado, quando eu precisei ver a questão do projeto. A Pati¹⁰ e o Rodrigo¹¹ foram muito importantes nesse meu retorno para voltar a fazer embaixadinha, me sentindo bem fisicamente. A Anna¹² montando o projeto foi importante até onde ela... Me ajudou a divulgar, foi importante também. A Luiza¹³, na questão da nutrição. O doutor Jerry Fabiano Ribeiro, fisioterapeuta. Depois o pessoal da Ultra

¹⁰ Patrícia Thurow Bartz.

¹¹ Rodrigo de Azevedo Franke.

¹² Anna Fernandes.

¹³ Luiza La Porta.

Funcional, também que me abraçaram. Então vocês foram muito importantes para que eu conseguisse alcançar o meu objetivo. Talvez se naquele dia eu não tivesse te ligado, se a gente não tivesse montado a equipe eu não teria conseguido me organizar. Tudo foi um passo a passo, foi demorado, foi difícil, mas cada um teve a sua importância para que eu pudesse fazer tudo, organizar o evento e de certa forma provar, por mais que eu ainda não tenha o certificado do *Guinness*, mas provar que eu faço as doze horas.

S.R. – Conta como foi a tua preparação para o dia, na semana anterior? Como ocorreu? Como tu estava se sentindo?

L.S. – Sabe, a última semana foi bem tensa porque tinha que organizar já os documentos, entender os documentos, o que iria precisar. Organizar todo o evento, mandar fazer camiseta, mandar fazer banner. Ir lá na Federação¹⁴, testar os negócios, no final das contas foi muito mais tenso por isso do que pelas embaixadinhas, eu estava bem mais tranqüila. De certa forma. Porque tiveram momentos que foi meio que uma tortura psicológica [riso].

S.R. – Ali no dia?

L.S. – Não, não referente a isso. Mas eu digo todo esse processo sabe? Porque parecia que o dia não iria chegar nunca. Então tiveram momentos que foi meio que uma tortura psicológica.

S.R. – E como tu superou isso?

L.S. – Com fé. Com muita fé. Tinha vezes que eu acordava de noite e não conseguia dormir, com aquilo. Não te digo nem referente ao dia, mas depois eu já estava mais tranqüila, eu consegui lidar melhor com isso. E a psicóloga... Eu estava esquecendo da Rose¹⁵ [riso]. Ela foi muito importante até... Tu lembra do simulado? Eu fiquei muito para baixo depois do simulado, muito para baixo. E ela me deu meio que um empurrão, um chacoalhão, que se ela não tivesse me dado eu acho que eu não teria conseguido organizar tudo, corrido atrás de tudo, porque eu estava muito para baixo. E ela me fez ver que se eu não me mobilizasse eu

¹⁴ Federação Gaúcha de Futebol.

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

não iria alcançar meu objetivo. Foi bem importante, não só pela questão psicológica de trabalhar com os pensamentos e de lidar com a pressão. Que eu acho que as vezes era mais minha do que externa.

S.R. – E são horas que exigem muita concentração, não é?

L.S. – É, mas eu já estou bem acostumada com isso, eu consigo perceber tudo que está se passando ao meu redor. Eu até me sinto melhor quando eu consigo entrar no automático, porque daí eu consigo fazer o tempo passar mais rápido, senão eu fico muito tensa e muito presa só aquilo, é complicado.

S.R. – Que legal Lara. E como foi o momento quando fecharam as doze horas? Qual foi a sensação?

L.S. – Não me caiu a ficha acho que até hoje [risos]. Eu achei que eu fosse chorar e não chorei. Eu estava chorando um pouco um dia antes assim, meio de... Sabe? Eu esperei tanto esse dia, agora vai chegar. Não era nem tanto por nervosismo. Acho que no dia o Luiz¹⁶ estava mais nervoso do que eu. O filho dele disse que ele não dormiu de noite.

S.R. – Sim, o pessoal todo envolvido. Acaba tomando para si aquela responsabilidade ali.

L.S. – Exatamente!

S.R. – Mas e o pós como foi? Pós quebra de *record*.

L.S. – Já acordei preocupada com que eu ia fazer. “Bom, o que eu vou fazer agora, fiquei tanto tempo correndo atrás disso”. Então é pensar para frente agora Su, eu vou ter que tentar tirar algum proveito disso de alguma forma. A batalha continua e acho que de certa forma vai ser até mais difícil do que era antes.

S.R. – Quais são teus planos?

¹⁶ Luiz Carlos Calai.

L.S. – Bem, eu vou tentar divulgar o máximo, eu estou tentando com algumas pessoas para tentar... Porque ficou muito regionalizado sabe? Para tentar expandir um pouco mais, para tentar trabalhar com eventos. Eu fiquei muito tempo sem estudar, terminei o ensino médio em 2012, seis anos praticamente. Então eu quero voltar a estudar. Eu já estou pensando no que eu vou fazer para até o ano que vem eu estar estudando. E correr atrás Su, é o jeito. Não dá para parar.

S.R. – Tem alguma coisa que eu não te perguntei que tu gostaria de falar?

L.S. – O tempo que eu coloquei caixinha, que eu fiz rifa. Isso também me ajudou muito, não só... Eu consegui patrocinadores, apoiadores que me ajudaram, mas isso foi muito importante. Foi um aprendizado para mim também. E até para... De várias formas, em vários sentidos, como pessoa sabe? Eu vejo tudo isso como um grande aprendizado. Foi difícil, mas para mim foi um grande aprendizado de vida.

S.R. – Com certeza. Vamos falar um pouco dessa questão financeira, porque custou dinheiro, custou bastante dinheiro para que tu concretizasse esse dia da quebra do *record*. Teve um investimento financeiro. Como tu fez para que isso acontecesse? Porque tu és de uma família humilde, tem condições, mas...

L.S. – Não condições de arcar com esses custos.

S.R. – Então, o que tu fez para que isso acontecesse?

L.S. – Eu vendi rifa.

S.R. – O que tu rifou?

L.S. – Uma TV [risos]. Coloquei caixinha no centro de Porto Alegre.

S.R. – O que é colocar caixinha?

L.S. – Eu fazia embaixadinhas e colocava uma caixinha para que as pessoas contribuíssem com o que elas pudessem.

S.R. – Sim. O que mais?

L.S. – Busquei patrocinadores, mas estava bem difícil de conseguir patrocínio. Mas me ajudou, teve também o projeto do Catarse¹⁷.

S.R. – Tu conseguiu alguma verba?

L.S. – Deu quatrocentos e poucos reais tirando o que eles descontam.

S.R. – Então basicamente tu conseguiu o aporte financeiro para esse dia fazendo embaixadinha na rua?

L.S. – É. Muito através disso. Claro, teve patrocinadores que ajudaram, mas foi muito importante até para que eu pudesse pagar as minhas passagens para vir treinar. E nunca me faltou dinheiro para vir treinar através da caixinha.

S.R. – Quais eram os teus gastos diários? Não de valores, mas com o que tu gastava para poder alcançar o objetivo?

L.S. – Transporte, alimentação... Mais era transporte, porque eu venho de Taquara. Teve um tempo que eu morei em Canoas, mas mesmo assim eu tinha gastos com... Continuava tendo gastos com passagem e com alimentação.

S.R. – E tu vinha quantas vezes por semana para Porto Alegre?

L.S. – Normalmente eram duas vezes, mas eu vinha e ficava, depois voltava. Como eu vou te explicar, tinha os dias que eu colocava caixinha e tinha os dias que eu treinava na

¹⁷ Plataforma de financiamento coletivo para projetos criativos, que vão dos mais simples até os mais elaborados.

academia. Então era meio relativo de certa forma, às vezes eu vinha mais vezes, mas normalmente eram de duas a três vezes por semana.

S.R. – Mais alguma coisa?

L.S. – Tem alguma sugestão ou alguma coisa que eu possa me lembrar?

S.R. – Eu acho que contemplou, já falamos de como tu iniciou, do processo da quebra do *record*, o que tu fez anteriormente, quais são teus planos para o futuro. Eu tenho uma pergunta para finalizar, mas podemos continuar. Se eu ou algum museu quiséssemos fazer uma exposição sobre ti e esse museu te pedisse um objeto, qual objeto tu daria?

L.S. – Eu posso dar a bola. Para mim é uma honra não é Su?

S.R. – O que a bola representa para ti?

L.S. – É meu principal instrumento, depois... Junto com o meu corpo.

S.R. – Mas qualquer bola?

L.S. – Pode ser a bola do dia.

S.R. – Bom, é isso então. Nós fazemos essa pergunta no final porque sempre temos um objeto que nos representa e no teu caso é a bola.

L.S. – Se eu desse *aquela ali* por exemplo, não seria a mesma coisa. Eu até ia te perguntar isso, quando tu me falou que além das pesquisas vocês faziam exposição, eu ia te perguntar isso, mas eu acho que aquela bola ali não tem...

S.R. – De repente tem.

L.S. – Mas eu acho que seria mais interessante a bola do dia. Mas eu não estou com ela aqui [risos].

S.R. – Eu não estou te pedindo a bola [risos]. Eu só gostaria de saber qual o objeto que te representa e é a bola.

L.S. – Sim, tu não me pediu determinada bola [risos].

S.R. – Então Lara, acho que por hora é só. Mas de repente surge alguma outra oportunidade da gente conversar mais. Te agradeço!

L.S. – Eu que agradeço Su. Obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]